



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SAMYRA ALVES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NA PRÉ-ESCOLA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

SAMYRA ALVES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE
DAS PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NA PRÉ-ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Paula Almeida de Castro

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Samyra Alves da.
Alfabetização no contexto da Educação Infantil [manuscrito]
: uma análise das práticas de leitura, escrita e oralidade na pré-
escola / Samyra Alves da Silva. - 2024.
42 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Paula Almeida de Castro,
Departamento de Educação - CEDUC".

1. Práticas pedagógicas. 2. Educação Infantil. 3.
Letramento. I. Título

21. ed. CDD 372.2

SAMYRA ALVES DA SILVA

ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DAS
PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NA PRÉ-ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado a Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 18/11/2024.

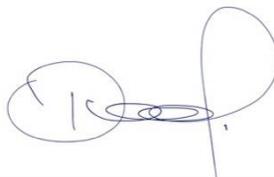
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Paula Almeida de Castro (Orientadora)



Prof. Dr. Sílvio César Lopes da Silva



Prof. Me. Diêgo de Lima Santos Silva

Aos meus pais e a minha irmã, com amor,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e nossa Senhora, por ter me dado forças para suportar todo o processo e não desistir, apesar de todos os obstáculos e adversidades. Além disso, desejo dar ênfase à intercessão da virgem Maria que durante todo o ano me presenteou com fortes momentos de intimidade com o Pai, como o EJC/Desperta Radical que aumentaram minha fé e confiança n'Ele.

Aos meus pais Josefa e Nivaldo, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando e segurando minha mão em todos os momentos e decisões. Me motivando e acreditando no meu potencial. Eles foram essenciais para a minha formação e nunca mediram esforços mesmo com todas as dificuldades, para me sentir a filha mais amada do mundo. Eles são a razão de tudo.

A minha irmã Karina, que com todo seu humor e companheirismo me fazia sorrir e despertava o meu lado mais leve possível, mesmo diante de toda rotina cansativa.

Aos meus sobrinhos Ágatha e Yan, por me fazerem tão feliz e por sempre me acolher com os sorrisos e o amor mais puro.

Gostaria de destacar ainda, mais uma vez, minha IMENSA gratidão a minha mãe Josefa Augusto, por todo abraço apertado todos os dias, na chegada e na saída, por toda preocupação, por toda oração, e pelas marmitinhas gostosas... sou grata pelo seu imenso amor.

A professora Paula Almeida de Castro, pelas orientações e pelo seu sim.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos meus amigos, em especial, às minhas companheiras de vida, as quais compartilho alegrias e angústias, desde acadêmicas à pessoais; Mayara de Lemos, Laíze Macêdo.

Consagra ao Senhor todas as tuas obras e os
teus planos serão bem sucedidos (Provérbios,
16:3).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar a alfabetização de crianças inseridas no último ano da pré-escola. Parte da análise de um cenário que propicie à estas o acesso a práticas da leitura, escrita e linguagem oral na perspectiva de letramento, de modo que os direitos da criança e o desenvolvimento infantil sejam assegurados, além trazer também uma visão específica para a escola contemporânea e as crianças de hoje. Reiterando-se de análises dos referenciais teóricos de Piaget (1977), Vygotsky (2007), Ferreiro e Teberosky (1984) e Soares (2004), bem como práticas pedagógicas dessa etapa de ensino, diante de um panorama que busque respeitar e considerar fase e capacidade cognitiva da criança, analisar os desafios e possibilidades presentes nesse cenário. Além disso, buscou-se respostas para a questão se devemos ou não alfabetizar na educação infantil. Para tal, foi necessário, a princípio, ressignificar e compreender de que tipo alfabetização está se tratando, tendo em vista que, este é um ponto muito discutido e, por vezes, pouco compreendido por professores de sala de aula infantil. Para alcançar os objetivos propostos, o estudo constituiu-se em uma pesquisa de campo baseada nas autoras Ferreiro e Teberosky (1984) com aplicação de questionários com professoras da rede pública e privada localizadas nas cidades de Alagoa Nova, Campina Grande e Santa Cecília na Paraíba, que atuam na última etapa da educação infantil, antecedendo o primeiro ano do Ensino Fundamental.

Palavras-Chave: práticas pedagógicas; educação infantil; letramento.

ABSTRACT

The objective of this course conclusion work was to analyze the literacy of children in the last year of preschool. It starts from the analysis of a scenario that provides them with access to reading, writing and oral language practices from the perspective of literacy, so that the rights of the child and child development are ensured, in addition to also bringing a specific vision for the contemporary school and today's children. Reiterating the analysis of the theoretical references of Piaget (1977), Vygotsky (2007), Ferreiro and Teberosky (1984) and Soares (2004), as well as pedagogical practices of this stage of education, in the face of a panorama that seeks to respect and consider the child's cognitive phase and capacity, analyze the challenges and possibilities present in this scenario. In addition, answers were sought to the question of whether or not we should teach literacy in early childhood education. To do so, it was necessary, at first, to re-signify and understand what type of literacy is being dealt with, considering that this is a point much discussed and, sometimes, little understood by teachers of children's classrooms. To achieve the proposed objectives, the study consisted of a field research based on the authors Ferreiro and Teberosky (1984) with the application of questionnaires with teachers from the public and private schools located in the cities of Alagoa Nova, Campina Grande and Santa Cecília in Paraíba, who work in the last stage of early childhood education, preceding the first year of Elementary School.

Keywords: pedagogical practices; early childhood education; literacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Gráfico da Pergunta 9	36
------------	-----------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 -	Perfil dos (as) professores (as)	30
------------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
EI	EDUCAÇÃO INFANTIL
DCN	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
PNE	PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
RCNEI	REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
DCNEI	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
LEEI	LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DESENVOLVIMENTO HUMANO E ALFABETIZAÇÃO	15
2.1	Formação do professor e práticas pedagógicas para a Educação Infantil	20
2.2	A escola contemporânea e as crianças de hoje	23
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	29
4	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA	42

1 INTRODUÇÃO

Buscando analisar e comparar o que está sendo feito na pré-escola com o que está proposto nos documentos normativos, a pesquisa parte de conceitos elaborados pelas contribuições de teóricos, enquanto observa as práticas dos professores juntamente com o envolvimento das crianças seguido das metodologias utilizadas na pré-escola. O objetivo principal do trabalho é verificar se é possível trabalhar com crianças de 4,5 anos práticas de alfabetização e letramento assegurando-as de seus direitos e desenvolvimento infantil, dante dessa perspectiva, tem como objetivos específicos uma análise a escola contemporânea e como são as crianças de hoje, buscando compreender quais maiores dificuldades e desafios no cotidiano da pré-escola e identificar qual idade correta para de alfabetizar com a criança de hoje? Esse trabalho justifica-se devido a relevância do tema para a área da educação, considerando que esse é um ponto muito discutido e por vezes, pouco compreendido. Desse modo, percebe-se a relevância de um novo olhar para diferentes perspectivas no que diz respeito à alfabetização no contexto da Educação Infantil. Buscou-se respostas para a recorrente questão: devemos ou não alfabetizar na educação infantil? Para tal, fez como uso de procedimento metodológico uma pesquisa de campo baseada nas autoras Ferreiro e Teberosky (1984).

A princípio, é importante salientar que, as práticas de alfabetização e letramento, contrário do que muitos ainda pensam, se iniciam muito antes do 6 anos de idade, não no sentido de organizar e planejar aulas para que essas crianças aprendam a ler e escrever, este - conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); “o processo de alfabetização infantil deve se iniciar no 1ª ano do Fundamental, por volta dos 6 anos de idade. Esperando que a alfabetização integral dos estudantes seja finalizada até o 2º ano do Ensino Fundamental.” - ou seja, conforme referem os documentos normativos, a aquisição da leitura e escrita está destinada a crianças a partir de 6 anos de idade. Isto é, nas incumbências da educação infantil, o professor não tem objetivo e/ou obrigatoriedade de alfabetizar essas crianças, o que não implica que, esse professor não possa possibilitar suas crianças a participarem de situações variadas envolvendo a linguagem oral e escrita, além de levantar junto a elas reflexões sobre a forma escrita da língua.

Seguindo esse viés, Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Nesse sentido, vale salientar que, a criança não chega na escola como uma folha de papel em branco, ela chega com experiências positivas e negativas, opiniões, dúvidas e questionamentos sobre diversos temas os quais eles têm acesso

de forma que antecede justamente essa chegada no âmbito escolar. Assim,

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas e importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (Ferreiro, 1999, p.23).

Reforçando o que diz respeito ao acesso da linguagem escrita na educação infantil, é de suma importância destacar que, nós temos dentre as orientações da BNCC um campo de experiência que é o ‘Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação’ que trata – entre outros diversos fatores – habilidades de comunicação e linguagem. As crianças são estimuladas a fala, escuta, o raciocínio lógico e a imaginação. Então, conseqüentemente, seguindo os documentos normativos, dentro da Educação Infantil irá se tratar de diversos gêneros textuais com as crianças, dentre eles: Parlendas, fábulas, trava-línguas, cantigas de roda, poemas e etc. A partir do momento em que a criança entende a função social da escrita (porquê escrever, para quê escrever) e quando, de sua maneira, utiliza-se da linguagem escrita, essa está tendo acesso a uma cultura letrada. Dito isso, Vygotsky (2007, p. 143) afirma que “O ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessários à criança”. Partindo desse pressuposto, o referencial teórico sociointeracionista e pesquisas empíricas conduzidas sob esse paradigma sustentam a defesa de: a alfabetização na perspectiva do letramento é uma abordagem possível e desejável na Educação Infantil.

Seguido dessa realidade, a pesquisa a seguir tem como objetivo identificar e verificar se é possível trabalhar com crianças de 4 e 5 anos práticas de alfabetização e letramento sem ferir seus direitos de brincar, explorar e se desenvolver através do lúdico. Se sim, de que maneira? Analisar como é a escola, como as crianças chegam à escola? Qual a idade correta para alfabetizar as crianças de hoje? Além de compreender quais as maiores dificuldades e desafios presentes no cotidiano da última etapa de ensino infantil (pré-escola). Tendo como metodologia uma pesquisa de campo feita a partir de aplicação de entrevistas/questionário com os docentes dessa etapa de ensino (pré-escola). Nesse sentido, neste trabalho temos como objetivo mostrar que, não se trata do que pode ou não fazer, mas sim entender de que tipo de alfabetização está se tratando, o que isso significa? Como são as metodologias e estratégias utilizadas no trabalho do professor para inserir o aluno nessa cultura letrada? Qual a formação do professor que atua nessa etapa de ensino?

Para responder tais interrogações, a estrutura do documento foi organizada da seguinte maneira: o primeiro capítulo é dedicado à introdução do trabalho, os objetivos da pesquisa,

resumo e metodologia utilizada. A segunda etapa do trabalho foi composta pela fundamentação teórica com os autores: Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Jean Piaget, Lev Vygotsky e Magda Soares. O presente trabalho é dividido pelos seguintes capítulos: Desenvolvimento Humano e Alfabetização; Formação do professor e práticas pedagógicas para a EI e A escola contemporânea e a criança de hoje. Partindo para os tópicos metodológicos da pesquisa, (estudo feito a partir de questionários com docentes da última etapa da EI de Alagoa Nova, Campina Grande e Santa Cecília) que conduziu aos resultados e discussões e, por fim, ao encaminhamento das considerações finais e referências bibliográficas.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E ALFABETIZAÇÃO

Buscando entender os estágios de desenvolvimento da criança e como trabalhar com esse ser em formação, respeitando suas particularidades e considerando a formação do indivíduo de maneira integral, este trabalho recorrerá aos estudos das teorias do desenvolvimento cognitivo desenvolvidos pelo biólogo suíço Jean Piaget (1975). Logo após, será pontuado os conceitos e princípios de alfabetização segundo estudos e colaborações das pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984).

Para Piaget (1975), o aprendizado é construído pela criança durante sua relação com objetos e pessoas. Essa ideia é a base da teoria chamada construtivismo. Cada nova descoberta é assimilada e acomodada junto ao que a criança já conhecia do mundo, tornando-o cada vez mais amplo. Gradualmente, as relações se formam e as coisas começam a fazer sentido na cabeça da criança. As “ferramentas mentais” para essa construção mudam conforme a faixa etária e também conforme o ambiente e os estímulos. Assim, o desenvolvimento cognitivo começa desde o nascimento e se divide em 4 estágios principais: sensório-motor, estágio pré-operatório, estágio das operações concretas e estágio das operações formais. Esses estágios representam diferentes maneiras de pensar e aprender que se desenvolvem conforme a criança cresce. Veremos então os estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget:

Estágio Sensório-Motor (0 a 2 anos): Neste estágio, o pensamento da criança está diretamente ligado às suas percepções sensoriais e ações motoras. Elas aprendem sobre o mundo através da manipulação de objetos e do uso dos sentidos. A principal conquista desse período é o conceito de permanência do objeto (entender que um objeto continua a existir, mesmo que não esteja visível).

Estágio Pré-Operatório (2 a 7 anos): A criança desenvolve a capacidade de usar símbolos (como palavras e imagens) para representar objetos. O pensamento é egocêntrico, ou seja, a criança tem dificuldade em ver as coisas do ponto de vista de outra pessoa. Ela ainda não consegue realizar operações mentais lógicas e está focada em aspectos perceptuais do ambiente. Elas também tendem a se concentrar em um aspecto de uma situação por vez (fenômeno conhecido como centrismo).

Estágio das Operações Concretas (7 a 11 anos): As crianças começam a pensar de forma mais lógica, mas ainda se baseiam em experiências concretas e situações reais. Elas desenvolvem a habilidade de realizar operações mentais, como a conservação de quantidade, volume e massa (entendendo que a quantidade de algo permanece a mesma, mesmo que sua forma mude). O egocentrismo diminui, e as crianças tornam-se capazes de ver as coisas de diferentes perspectivas.

Estágio das Operações Formais (a partir dos 12 anos): O adolescente começa a desenvolver o pensamento abstrato e a capacidade de raciocinar de forma hipotética. Ele pode pensar sobre conceitos abstratos, fazer previsões e resolver problemas de maneira sistemática. Esse estágio é caracterizado pela capacidade de pensar sobre ideias e eventos que não estão fisicamente presentes, além de desenvolver uma lógica mais complexa e pensamento crítico. Piaget acreditava que todos passam por esses estágios na mesma ordem, embora o ritmo de desenvolvimento possa variar de uma criança para outra (Piaget, 1975, p.48).

Partindo do exposto, podemos analisar o processo de desenvolvimento das crianças e observar que elas irão aprender e compreender o mundo ao seu redor a partir de sua capacidade mental e desenvolvimento cognitivo, seguido de suas experiências e interações sociais. É nesse sentido que o ambiente em que essa criança está inserida, irá influenciar significativamente na sua construção e comportamento. É extremamente importante ter o olhar aguçado e crítico para analisar se a mesma está sendo estimulada –da forma correta-, de acordo com sua fase.

Uma criança que é estimulada e dispõe de um suporte no seu contexto familiar, se desenvolverá de forma social e cognitivamente distinta daquela criança que, por diversos motivos, não possui esse apoio ou até mesmo nem sequer tem a possibilidade de exercer seu papel de criança, de brincar, de se descobrir e tem o seu direito à infância roubado, tratados como ‘adultos em miniatura’. Salientando o exposto nesses dois exemplos citados acima, embora trate-se de crianças inseridas na mesma etapa de desenvolvimento, serão crianças com características totalmente diferentes, tendo em vista todo o ambiente em que estão inseridas. É nesse momento que o desenvolvimento humano explica porque somos iguais e ao mesmo tempo tão diferentes.

Para Vygotsky (1984), o aprendizado acontece primeiro em um nível social (com outros), e depois é internalizado individualmente. Considerando características inatas e o comportamentalismo, o interacionismo sugere que o comportamento e o desenvolvimento humano não são determinados apenas por fatores internos (como genética) ou externos (como ambiente), mas por uma relação dinâmica entre indivíduo e contexto social. Trazendo tais fatores para o contexto escolar, é muito importante que os professores estejam atentos em como está o desenvolvimento das crianças que chegam na sua turma, qual realidade essa criança pertence, o meio explica muito o exposto, trata-se de compreender e considerar o porquê de cada um chegar na escola com determinadas habilidades, dificuldades e saberes distintos.

Essa criança está agindo de maneira que condiz com a faixa etária dela? Salientando o papel do professor, este está considerando a capacidade cognitiva e a realidade de cada um? Entender cada etapa do desenvolvimento da criança e elaborar sua metodologia a partir do modelo sociointeracionista, significa saber até que ponto ele deverá ir, como deverá traçar estratégias que contemplem a necessidade de todos e quais estímulos suscitar nos pequenos. Destacando que, embora essa teoria de desenvolvimento de Piaget se discorre de maneira global a todas as crianças, é necessário lembrar que, cada uma delas possuem singularidades, advindas de culturas e práticas sociais diferentes, então não é interessante polarizar e generalizar esse

ensino.

A partir disso, ter sempre em mente o olhar aguçado, investigador na maneira em que devem ser sempre analisados pontos dentre estes: como essa criança chegou na escola? Quais seus interesses? Conhecer o aluno faz parte do papel desempenhado pelo professor pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em sua prática social. Durante o período de desenvolvimento infantil, a todo o momento é necessário que haja aprendizagens significativas para as crianças, com sentido, que instigue sua curiosidade. É necessário oferecê-las um ambiente afetivo, prazeroso, com coisas interessantes para ela explorar, testar e descobrir.

Nesse sentido, é possível/necessário/ alfabetizar na educação infantil? Como? Quais práticas pedagógicas podem ser utilizadas corretamente respeitando cada fase da criança e seu desenvolvimento?

Para responder a estas perguntas, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984) fizeram pesquisas que contribuíram significativamente para compreender o conceito de alfabetização e como se discorre esse processo. Pelo método clínico de Piaget, observaram 108 crianças e seu funcionamento do sistema de escrita. Elas tinham como objetivo compreender como as crianças se apropriam da cultura escrita, criando a obra intitulada de *Psicogênese da Língua Escrita*, introduzida no Brasil por volta dos anos 1980, que se tornou referência teórica relacionada à alfabetização na década de 80.

Na obra, partindo da abordagem construtiva, Ferreiro considera o aluno e sua participação ativa como construtor de sua aprendizagem, além de contribuir para as práticas pedagógicas do professor alfabetizador. Ferreiro (1984) faz críticas ao ensino tradicional e destaca que este é um ensino mecânico onde os alunos são meros receptores e escribas do que é apresentado pelo professor. A autora defende que toda criança chega à escola com conhecimentos prévios, estes devem ser considerados pelos professores em suas práticas de ensino. Ela procurou investigar não só os meios de como a criança aprende, mas o modo em que ela aprende. A questão que a autora traz não se trata de como se deve ensinar a escrever, mas sim, como alguém aprende a ler e a escrever.

A alfabetização na visão de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984) se desenvolvia como processo ativo: contrário do sistema mecanizado que até então era feito, ela propôs que as crianças constroem seu entendimento da escrita por meio de hipóteses, experimentações e interações com o ambiente. Elas tentam entender como a escrita funciona a partir de suas experiências prévias, sem depender somente da instrução formal, elas não aprendem de maneira linear, mas passam por um processo de tentativa e erro, ajustando suas ideias conforme

interagem com o mundo ao seu redor. Para Ferreiro (1984), o ambiente em que a criança está inserida tem grande importância. A exposição a diferentes formas de escrita (livros, placas, rótulos, etc.) e as interações com adultos e outras crianças contribuem para a construção do conhecimento sobre a língua escrita. Essa nova visão da autora trouxe muitas complicações para os professores que estavam acostumados apenas a seguir métodos e a proposta da autora não era essa.

Com isso, muitos alfabetizadores se sentiram perdidos, sem saber como conduzir os trabalhos em sala de aula, pois estavam acostumados a seguir etapas, a realizar atividades preestabelecidas pelos métodos tradicionais, sem levar em consideração a realidade dos educandos (Leão, 2011, p. 31).

Não se trata de novos métodos, mas sim uma nova visão de como alfabetizar a criança, respeitando-a nesse processo, entendendo sua realidade, o contexto em que está inserida, o que esta criança já sabe e como sabe. A autora traz concepções de que todos os conhecimentos têm uma gênese (origem). Nesse sentido, a alfabetização se dá a partir de um processo de construção, é necessário permitir ao educando refletir sobre suas descobertas, seus conceitos e conhecimentos. Assim, de acordo com Leão (2011), quanto mais a criança tiver contato com a linguagem e a escrita, mais capacitada está a se aprofundar em sua estrutura e finalidades. O autor evidencia que:

A prática de ensino, desde então, por meio da palavra ‘construtivismo’, ganha uma nova roupagem, novo olhar, nova interpretação; pois o processo de aquisição da língua escrita, contrapondo-se ao ensino tradicional de antes, que buscava métodos de como ensinar que desconsideravam o conhecimento e a experiência de ‘mundo’ que a criança possuía (Leão, 2011, p. 21).

Segundo Emília Ferreiro (1984), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, tanto na escola quanto fora dela, dessa forma, é necessário que o professor entenda que cada criança irá aprender da sua maneira e no seu tempo. Considerando seus princípios construtivistas, o processo de construção de conhecimento da criança se dá dia após dia, de fase em fase.

Diante dos fatos mencionados, entende-se que, sim, é possível tratar de alfabetização na educação infantil. Considerando justamente todos os estudos de Ferreiro/Teberosky e contribuições de Piaget que foram pontuadas neste capítulo. Visto que, a alfabetização é um processo linear e gradativo, Ferreiro defende o acesso a livros, jornais, acesso a práticas de leitura. Ferreiro (1984) ainda pontua que a criança tem de manusear livros e escutar histórias, interpretar imagens, tentar ler ao seu modo, salientando que esses direitos não dependem da sua capacidade de ler e escrever.

Essa contribuição reflete a visão que a autora tem sobre a importância de proporcionar às crianças o contato com a leitura e os livros desde cedo, permitindo que elas explorem e desenvolvam seu entendimento sobre a linguagem escrita, mesmo antes de serem formalmente alfabetizadas.

Então, por que não trazer o acesso à essas práticas para as crianças de 4 ou 5 anos que estão inseridas na pré-escola, fase que antecede o 1º ano do ensino fundamental? Desse modo, falar de alfabetização e letramento na educação infantil trata-se de uma alfabetização que propiciará ao aluno o acesso a esse contexto letrado. Com metodologias que possibilitem a criança a compreender a função da leitura e da escrita, na perspectiva de alfabetizar-letrando, de contextualizar o processo, torná-lo significativo, das crianças fazerem uso da língua escrita nas suas demandas sociais. Salientando também que, trazer para a educação infantil esse acesso a práticas de alfabetização e letramento trazem uma série de vantagens importantes para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças. Se tratando de letramento, Soares destaca que letramento é:

O resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torná-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo alfabetizado, não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escrita e responder às demandas sociais de leitura e de escrita (Soares, 2003, p.16).

A promoção da leitura na EI é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do gosto pela leitura. Existem diversas práticas que podem ser implementadas para estimular este hábito desde cedo. Práticas que irão contemplar tanto o interesse pela leitura e escrita como a oralidade.

E como isso pode ser feito? Com a leitura em voz alta, isso desperta o interesse pela leitura e estimula o vocabulário, o diálogo sobre a leitura, propiciando a participação ativa e a reflexão sobre a história, além da importância da diversidade de gêneros literários, por isso é fundamental disponibilizar livros de diferentes gêneros (contos, poemas, histórias rimadas, fábulas), além de materiais com ilustrações ricas que favoreçam a interpretação visual e o contato com diferentes formas de narrativa.

Bem como a exploração de livros ilustrados: antes de ler o texto, incentivar as crianças a interpretar as imagens, criando suas próprias narrativas a partir delas, isso desenvolve habilidades de interpretação e criatividade, além de preparar para a leitura de palavras. Roda de história: Possibilitando às crianças a compartilhar histórias que ouviram ou inventaram, criando um ambiente de troca e reconhecimento da narrativa oral. Isso valoriza a oralidade e a escuta

ativa, além do contato frequente com materiais escritos: livros, cartazes, etiquetas, revistas, folhetos e outros materiais com textos escritos. Incitando as crianças à familiarização com as letras e palavras no cotidiano.

Dito isso, o próximo capítulo discutirá a formação do professor, mais especificamente para o professor da EI e as práticas pedagógicas para a EI.

2.1 Formação do professor e práticas pedagógicas para a Educação Infantil

Nesse segmento, temos como prioridade destacar as práticas pedagógicas existentes na EI, evidenciando a fundamentação teórica para estas, como o currículo para a EI a partir das DCN's e a BNCC, partindo do parâmetro entre o que é dito e o que se é feito por parte de docentes da área. Seguindo esse viés, para se falar de EI e práticas pedagógicas devemos destacar, inicialmente, a formação do professor e suas especificidades. Sabe-se que, a formação de professores envolve um processo contínuo de desenvolvimento que abrange tanto a educação formal quanto a experiência prática.

A formação inicial do professor é aquela adquirida em cursos de graduação, que habilitam o profissional a ensinar em determinada área. Mas, é de sumaimportância pontuar também a necessidade da formação continuada, na qual mesmo após a conclusão da graduação, a formação de professores continua. A formação continuada é essencial para o desenvolvimento profissional e inclui cursos de especialização e pós-graduação para aprofundamento de conhecimentos e desenvolvimento de novas habilidades. No Brasil, a formação de professores é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabelece os requisitos mínimos para o exercício da profissão. Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE) define metas para a valorização e melhoria da formação docente. Mas, vale salientar que, segundo Mendonça (2012) apesar de ainda vermos lacunas na educação atualmente, é importante reconhecer que a educação pública já teve alguns avanços, a princípio, a pré-escola não tinha caráter formal, não havia educadores qualificados e a maior parte dos professores eram formados por voluntários, que logo desistiram do trabalho. Logo, podemos notar que alguns avanços e mudanças aconteceram.

Com a chegada da constituição de 1988 a educação infantil passou a fazer parte do sistema nacional de ensino e foi destacada a importância da valorização da criança e de um ensino que a assegure de todos os seus direitos. Não podemos deixar de pontuar outro marco que significou uma virada de chave para a educação infantil: o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação de 1996 (BRASIL, 1996) e a RCNEI de 1998, que é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, um dos primeiros documentos que surgem com

esta proposta de cuidar e educar as crianças (BRASIL, 1998). No que diz respeito ainda a documentos normativos existentes que norteiam a elaboração de currículos na EI é importante destacar a forte predominância da BNCC e o fundamental surgimento das DCNEI'S que irão guiar todo o planejamento das práticas pedagógicas.

Sobre a DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) destaco: Esse documento possui muitas contribuições, e é essencial para a organização e estruturação da educação infantil no Brasil. As diretrizes fornecem parâmetros para a elaboração de currículos, metodologias e práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento integral das crianças de 0 a 5 anos de idade.

As colaborações trazidas a partir desse documento destacam além do respeito à criança como sujeito de direitos, a necessidade de: valorização das interações, o currículo integrado, diversidade e inclusão, e formação continuada dos profissionais da educação. A garantia que as instituições de educação infantil estejam comprometidas em criar ambientes seguros, acolhedores e estimulantes, implicam a valorização das interações: as interações entre crianças, adultos e o ambiente são centrais no processo de ensino e aprendizagem. A prática pedagógica deve promover então experiências que estimulem essas interações e que permitam as crianças desenvolverem suas habilidades sociais, emocionais e cognitivas.

Para tal, é necessário a inserção de um currículo integrado: O currículo na educação infantil deve ser elaborado de forma integrada, as DCNEI orientam que o currículo deve ser flexível e adaptado às necessidades e características das crianças, levando em conta a diversidade e inclusão: as práticas pedagógicas devem respeitar e valorizar as diferenças, garantindo que todas as crianças tenham acesso a um ensino de qualidade. Nesse sentido, é imprescindível a formação continuada dos profissionais da educação: reconhecendo que a qualidade do ensino está diretamente ligada à capacitação dos educadores.

Além disso, o Parecer CNE/CEB nº 20/09 e a Resolução CNE/CEB nº 05/09, que definem as DCNEIs, fazem, em primeiro lugar, uma clara explicitação da identidade da Educação Infantil, condição indispensável para o estabelecimento de normativas em relação ao currículo e a outros aspectos envolvidos em uma proposta pedagógica. Eles apresentam a estrutura legal e institucional da Educação Infantil - número mínimo de horas de funcionamento, sempre diurno, formação em magistério de todos os profissionais que cuidam e educam as crianças, oferta de vagas próxima à residência das crianças, acompanhamento do trabalho pelo órgão de supervisão do sistema, idade de corte para efetivação da matrícula, número mínimo de horas diárias do atendimento - e colocam alguns pontos para sua articulação com o Ensino Fundamental.

O objetivo deste tópico foi discutir a respeito do profissional de EI, nesse sentido, é importante salientar que, este, -embora ainda não desfrute do reconhecimento merecido e seja valorizado considerando sua relevância não só enquanto está em sala de aula, mas em toda a vida da criança-, é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, que corresponde à aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos. O professor da EI é o profissional responsável por criar um ambiente acolhedor e estimulante que favorece o aprendizado de forma lúdica e significativa. Além de que, este professor atua como facilitador e mediador para proporcionar a criança o desenvolvimento de habilidades fundamentais para sua formação, isso inclui: Desenvolvimento cognitivo, estímulo ao pensamento crítico, à resolução de problemas e à criatividade através de atividades que promovem a curiosidade, desenvolvimento motor: Proporcionar atividades que ajudem no desenvolvimento da coordenação motora grossa e fina, como brincadeiras que envolvem correr, pular, desenhar e pintar; Desenvolvimento emocional e social: Ensinar as crianças a lidar com emoções, a conviver em grupo, a compartilhar e a se expressar.

No que diz respeito ainda à formação continuada do professor e as práticas pedagógicas para a EI, desejo dar ênfase a um programa chamado Compromisso Nacional Criança Alfabetizada- Educação Infantil Nordeste - LEEI Leitura e Escrita na Educação Infantil. Esta formação chamou minha atenção, pois acontece coincidentemente em Alagoa Nova- PB – uma das cidades na qual foi realizada a entrevista deste trabalho de conclusão de curso-. A Política Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, fomentada e fortalecida por regime de colaboração entre Estados, Distrito Federal, Municípios e União. Com o advento da nova política de Alfabetização, instituída pelo Decreto nº 11.556/2023, gestores, professores, pesquisadores e demais profissionais têm dedicado esforços à construção de espaços formativos que possam favorecer a reflexão, em uma perspectiva crítico-colaborativa, sobre práticas educativas de docentes da Educação Infantil (grupos 4 e 5), com ênfase na oralidade, leitura e escrita, sob os fundamentos teóricos e metodológicos dos eixos estruturantes do currículo dessa primeira etapa da Educação Básica: as infâncias, as interações e a brincadeira.

A partir da proposta geral, fundamentada no material relativo ao curso “Leitura e Escrita na Educação Infantil”, foram compostas equipes de coordenação em Universidades Públicas (coordenadores e assessores), em cada região, que se dedicaram a construir as propostas regionais de formação. Junto à coordenação geral, a proposta Nordeste contou com a participação das equipes dos nove estados que compõem a nossa Região. Na Paraíba contou com a equipe de: Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, Undime Paraíba e Universidade Federal da Paraíba. A fim de garantir às crianças de 4 e 5 anos uma educação inclusiva, plural,

lúdica e reflexiva que as considere, de fato, sujeito de direitos no Nordeste. Essa formação tem como objetivo refletir sobre concepções de Educação Infantil, crianças e infâncias e suas implicações para uma prática pedagógica inclusiva, que respeite os direitos das crianças e as especificidades da etapa, afim de discutir sobre os significados de ser professora/or de Educação Infantil e as singularidades da docência com as crianças pequenas, além de ampliar os conhecimentos teóricos sobre tópicos relativos ao trabalho pedagógico com a linguagem escrita, leitura e a oralidade na Educação Infantil: as rodas de leitura e de contação de histórias; a escrita espontânea; a formação de um repertório de palavras estáveis, incluindo o nome próprio e outras palavras significativas; reconhecer as relações intrínsecas entre os programas, as estratégias e as ações de formação continuada e o processo de desenvolvimento profissional dos educadores, situar o processo de formação de educadores em uma perspectiva orientada pela lógica da ação crítica e reflexiva sobre a própria prática e da tematização informada e subsidiada por conhecimentos teórico-metodológicos do campo da didática da alfabetização.

Outro ponto importante é a Ênfase na Educação Infantil como uma escola singular, sem cunho preparatório para o Ensino Fundamental, mas que tem compromisso com a ampliação dos repertórios das crianças, de suas/seus professoras/es, no que tange às linguagens oral e escrita e a sua relação com as demais linguagens presentes nas relações humanas (artísticas, numéricas, corporais, gestuais, etc.).

No Nordeste, o curso de formação foi organizado em quatro eixos: as interações, a brincadeira, a literatura e a expressão. Todos eles estão presentes ao longo dos encontros formativos (encontros presenciais, atividades remotas e atividades acompanhadas, totalizando uma carga horária de 120h gerais).

Para o próximo capítulo, partiremos para as discussões e reflexões acerca do perfil criança de hoje; como essas crianças chegam à escola? Destacando também a estrutura e organização da escola contemporânea.

2.2 A escola contemporânea e as crianças de hoje

Como segundo tópico, é de suma importância pontuar que, a escola e os modelos tradicionais de ensino, passivo e hierárquico, já não são tão desejáveis e apropriados para suprir os desejos e necessidades das crianças de hoje, pois, trata-se, atualmente, de uma organização de sociedade moderna totalmente distinta daquela existente há milhares de anos, que exigirá uma nova concepção de escola. A forte chegada e permanência da tecnologia, desde muito cedo, reflete toda a educação básica, esses fatores irão influenciar muitas mudanças, tanto de forma positiva como negativa. Consequentemente, as instituições de ensino também sofreram muitas

transformações em sua estrutura pedagógica e nas metodologias e estratégias de ensino. Seguindo esse viés, Ferreiro tece críticas aos modelos tradicionais de ensino: “A escolarização tradicional supõe que o aprendiz nada sabe sobre a escrita antes de ser ensinado. No entanto, a criança, desde muito cedo, constrói hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita” (Ferreiro, 1984, p. 17).

Diante de tal exposto, com a finalidade de alcançar todos os objetivos dispostos nos documentos normativos a exemplo da Base Nacional Comum Curricular, sem perder de vista e considerando todo o contexto em que essa criança está inserida, a escola de hoje é formada seguindo princípios de um ensino amplo, democrático e acolhedor que visa formar a criança de forma integral, considerando cada uma de suas particularidades e interesses, desde aspectos intelectuais há aspectos sociais e emocionais. No que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento, muitas estratégias são exercidas pelos docentes para alcançar e desenvolver a criança baseadas nesse princípio democratizador e participativo. Dito isso, a escola é vista como uma instituição de futuro, considerada pela comunidade. Sobre o futuro da escola, a pesquisadora Nilza Alves pontua;

Aqui no Brasil, a educação escolar vem sendo exigência crescente da população, seja para ter um lugar “protegido” para seus filhos (contra as drogas e outras ameaças), seja para permitir que consigam “uma vida melhor” (com maior possibilidade de emprego e de ganhos diversos, inclusive respeito social), ou, ainda, como lugar de trocas sociais para si mesmo (Alves, 2003, p. 100).

Dito isso, nota-se que a escola assume o papel de um espaço seguro, que traz para os pais a esperança de um futuro melhor para seus filhos, muito embora exista essa necessidade de que as crianças “devem ir à escola”, pois sua inserção é obrigatória e faz parte de um regime poderoso da modernidade que assegura esse espaço escolar para toda a população, como um direito de todos e um ambiente de correção permanente do sujeito, onde ele se desenvolverá desde pequeno, e terá o contato direto com o ambiente escolar, além da importante interação com seus pares, com o funcionamento de rotina e regras, que são práticas muito exercidas por professores da EI. Nesse contexto, a autora Maria Carmen Silveira Barbosa pontua:

As rotinas na educação infantil não são apenas uma sequência de atividades, mas sim espaços de aprendizagem e de construção de significados. Elas estruturam o tempo pedagógico, oferecendo segurança às crianças e permitindo-lhes desenvolver sua autonomia e capacidade de organização (Barbosa, 2006, p. 36).

No que diz respeito à escola contemporânea, pode-se observar que, ao inserir suas crianças na escola, os pais esperam ansiosos pela alfabetização da mesma. Esse, sem dúvidas, é um dos maiores objetivos e fator impulsionante para a entrada dessa criança no contexto

escolar, contudo, é necessário ter em mente que muitas coisas antecedem esse processo e o mesmo se dá de forma gradativa, com o decorrer do tempo, na medida em que a criança vai se desenvolvendo globalmente até chegar na fase da ‘silabação’ e por aí adiante. No decorrer do processo, há diversas outras habilidades que precisam ser estimuladas, desde a EI, como: desenvolvimento da criatividade e imaginação, desenvolvimento social, da autonomia, desenvolvimento cognitivo, de linguagem, social, além de instigar e propiciar às crianças o acesso a leitura e escrita de modo dinâmico e prazeroso, que traga sentido e supra as necessidades das crianças inseridas na EI, todos esses fatores antecipam e possibilitam o alfabetizar.

Essas dentre diversas outras práticas e aspectos gerais precisam ser inicialmente alcançados e, conseqüentemente, há muito a ser feito até que, finalmente, essa criança alcance o domínio da língua escrita. Desse modo, diversos aspectos precisam ser desenvolvidos e alinhados em consonância com os desejos e particularidades infantis. É preciso entender que, na EI, tudo importa, tanto o fim, quanto, ainda mais, os meios.

Ademais, outra questão crucial que deve ser salientada relacionado ao perfil da criança atual, é o forte contato com as tecnologias digitais. As crianças de hoje são nativas digitais¹, estão profundamente inseridas no mundo das tecnologias digitais desde muito cedo, crescendo em² um ambiente onde smartphones, tablets, computadores e internet são parte integrante de suas vidas cotidianas. Isso traz tanto benefícios quanto desafios para o desenvolvimento infantil. Visto que, ao mesmo tempo em que beneficia a criança pois elas têm acesso à informação e conhecimento: há uma vasta quantidade de informações e recursos educacionais online, como vídeos educativos, jogos interativos e aplicativos que promovem habilidades cognitivas e de aprendizado.

Essa ferramenta também pode ser muito prejudicial se não utilizada de maneira correta e monitorada pelos pais, pois, há o risco de exposição a conteúdos inadequados: crianças conectadas à internet podem ser expostas à conteúdos impróprios para a sua idade, como violência, pornografia ou publicidade. Além desses, há outros diversos pontos negativos decorrentes dessa realidade atual, como a superexposição a telas, que pode afetar o desenvolvimento social e emocional, além de contribuir para o sedentarismo. O mundo acelerado e a pressão social também traz danos à saúde emocional das crianças. Muitas

¹ O termo nativos digitais foi utilizado pela primeira vez no ano de 2001 pelo especialista em educação Marc Prensky, para se referir a todos os nascidos após 1980, cujo desenvolvimento biológico e social se deu em contato direto com a tecnologia. Pode-se dizer, que um nativo digital é aquele indivíduo que nasceu e cresceu com as tecnologias digitais presentes em sua vivência.

enfrentam questões como: a ansiedade e o estresse desde muito cedo, devido à sobrecarga de atividades e, em alguns casos, à influência das redes sociais. Além disso, também há a dificuldade de socialização, com menos tempo de interação face a face e mais interação digital, o desenvolvimento de habilidades sociais tradicionais pode ser comprometido

Seguido a esse panorama de forte inserção das crianças no contexto escolar advindas de um cenário com grande teor tecnológico e diversidade cultural, surgem diversas outras camadas e questionamento para os docentes: como trabalhar com essas crianças a partir de metodologias que agreguem a todas e que haja uma aprendizagem significativa? Conhecidos como nativos digitais, essa geração é mais imediatista e apresenta dificuldade de foco e atenção. A escola contemporânea é formada por sujeitos que já possuem inúmeras experiências sociais e de acesso a internet, seja por filmes, desenhos, plataformas digitais e/ou redes sociais. As crianças de hoje crescem em um mundo altamente conectado, dinâmico e repleto de mudanças tecnológicas, culturais e sociais.

Essa realidade influencia diretamente no seu desenvolvimento, comportamentos e expectativas. Elas chegam na escola reproduzindo tudo aquilo que está em ênfase no mundo das tecnologias, essas crianças são expostas a este cenário enquanto ainda muito pequenas, em decorrência disso, a escola surge muitas vezes como um espaço pouco estimulante e entediante para elas.

Nesse sentido, pode-se inferir que a abordagem pedagógica da escola tradicional não dá conta de reconhecer os diferentes tipos de inteligência do aluno e acaba por não estimular o desenvolvimento das crianças e o surgimento de interesses diversos, como a música, a arte e a dança. Ferreira (1984, p. 20) pontua: Os métodos tradicionais tratam a criança como um ser passivo, negando-lhe o direito de construir conhecimento. Seguindo esse viés, a educação poderá vir a priorizar métodos de ensino mais interativos incorporando metodologias ativas, como um esforço para criar ambientes mais inclusivos, respeitando diferenças culturais, de gênero e de habilidades.

Outras estratégias também são utilizadas, como o uso de recursos digitais: televisão, projetor, dentre outros para enriquecer a aula e chamar a atenção do aluno tendo em vista que as tecnologias digitais fazem parte do meio destes.

Por outro lado, alguns fatores positivos também podem surgir em decorrência desse acesso, como a facilidade de acesso à informação: elas aprendem rapidamente a pesquisar e explorar o mundo online. Além do desenvolvimento de habilidades tecnológicas: já nascem imersas em ferramentas que serão cada vez mais necessárias no futuro. Nesse contexto, há uma maior ênfase na importância de respeitar a individualidade da criança, seja em sua maneira de

aprender ou em suas preferências pessoais. As crianças de hoje são encorajadas a expressar sua opinião, desde muito cedo.

Elas estão crescendo em um ambiente complexo, que exige que os adultos estejam atentos ao seu desenvolvimento emocional e social, além de prepará-las para um futuro que será ainda mais tecnológico e interconectado. Como instrumentos dessa época e mediadores da interação humana, as tecnologias digitais, possivelmente, têm contribuído para mudanças em algumas práticas sociais como a comunicação, a socialização, a organização, a mobilização e a aprendizagem. As autoras Lalueza, Crespo e Camps afirmam que:

A tecnologia contribui para orientar o desenvolvimento humano, pois opera na zona de desenvolvimento proximal de cada indivíduo por meio da internalização das habilidades cognitivas requeridas pelos sistemas de ferramentas correspondentes a cada momento histórico. Assim, cada cultura se caracteriza por gerar contextos de atividades mediados por sistemas de ferramentas, os quais promovem práticas que supõem maneiras particulares de pensar e de organizar a mente. (Lalueza, Crespo e Camps, 2010, p. 51)

Além disso, considerando o contexto de letramento e o ambiente social que a criança atual está inserida, irá surgir também o letramento digital. Quando o termo letramento vem acompanhado do adjetivo digital, refere-se à capacidade de cada indivíduo em compreender as diversas situações de leitura e de escrita que acontecem no mundo digital. Mas, assim como o letramento não inclui somente a decodificação, o letramento digital inclui o domínio dessas ferramentas tecnológicas e a habilidade de utilizá-las para comunicar-se entre as pessoas e também em seu cotidiano. Não podemos deixar de citar que a linguagem digital abrange muito mais do que palavras, pois tem códigos não verbais, abreviações, símbolos, imagens, desenhos, etc. Em suma, o letramento digital surge como uma estratégia que pode vir a ser utilizada para trazer essas situações tecnológicas para o ambiente escolar, pois envolve justamente a utilização dos recursos tecnológicos em favor do seu cotidiano, instigando o interesse e participação ativa das crianças.

Seguido a realidade e contexto social das crianças que ingressam na escola atualmente, e como a escola está organizada, podemos observar que, as práticas de alfabetização no sentido apenas de codificar e decodificar não são válidas, não conseguem atender a necessidade do aluno atual, os alunos não sentem interesse pelas aulas, a educação para estes precisa fazer sentido, o letramento surge justamente com a finalidade de superar o ensino mecânico. Para tal, é necessário que os alunos entendam a função social da leitura e escrita enquanto sujeitos ativos na sociedade, possibilitando o uso da linguagem escrita em suas demandas sociais. Logo, a criança aprenderá também a interpretar e por consequência, utilizá-la como uma forma de comunicação. As pessoas consideradas “letradas” compreendem o que leem e sabem utilizar

cada tipo de aglomerado de palavras em cada tipo de situação. Prática pertinente para o contexto da escola contemporânea.

Neste tópico apresentado, tivemos como objetivo mostrar a realidade da escola contemporânea e como as crianças de hoje chegam no ambiente escolar, elas são cheias de curiosidades, ao mesmo tempo retraídas, pois se deparam com um cenário distinto em relação ao meio que são habituadas. Vale salientar que todas elas trazem vastas experiências, com diferentes tipos de interesses. Nesse contexto, notamos a forte presença da internet no âmbito escolar, considerando a realidade que as crianças chegam em sala de aula e também nas metodologias do professor, caso faça uso da mesma como uma de suas estratégias. Em vista dos fatos mencionados, podemos compreender como a criança é um ser pensante e cheia de saberes externos que precisam ser considerados, além de que, apesar de não ser uma tarefa fácil, a educação de hoje, precisa ter sempre como foco principal, trazer todas as habilidades e interesses dessas crianças e torná-las protagonistas de todo o processo de ensino aprendizagem.

O que exige metodologias de ensino que promovam a interação e criatividade. Segundo Barbosa (2006) A incorporação dos saberes externos das crianças inseridos no cotidiano escolar e nas metodologias do professor exerce um papel fundamental, pois amplia a compreensão do mundo e faz com que o processo educativo faça sentido, seja interativo, inovador.

Contudo, diante da presente realidade, podemos notar o forte desafio que é integrar estratégias que atendam as necessidades da criança de hoje. A falta de interesse e atenção no que está sendo aplicado se torna um fator preocupante para o professor, que implica a necessidade de elaboração de novas metodologias que instiguem e conquistem o desejo desse aluno atual. Esses objetivos só poderão ser alcançados se o professor considerar esse aluno e todo o seu contexto social, a realidade em que o mesmo está inserido e a sociedade contemporânea, que faz com que, indispensavelmente, o docente repense sobre suas práticas.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho de conclusão de curso utilizou como procedimento metodológico uma pesquisa de campo, realizando análises documentais e coleta de dados, buscando informações com profissionais inseridos na pré-escola (última etapa de ensino infantil) que foram o público-alvo do estudo. Nesse sentido, a pesquisa é qualitativa, baseada nas contribuições das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984) constituindo-se em um estudo das práticas de alfabetização e letramento no contexto da pré-escola, desafios e dificuldades presentes nesse cotidiano, bem como o perfil da criança de hoje e a escola contemporânea. Teve como objetivo refletir a consonância entre o referencial teórico do tema em questão e o que de fato é feito no espaço da EI.

Para a elaboração desta pesquisa, o trabalho foi dividido em dois momentos: a primeira etapa se dedicou à reflexão sobre os conceitos e documentos que discutem sobre o tema, tendo como finalidade se dedicar inicialmente a uma pesquisa documental. Neste sentido, foi examinado o livro das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky ‘A psicogênese da língua escrita’ (1984), que trouxe diversas contribuições no esclarecimento do conceito de alfabetização, que fundamenta o ponto-chave da pesquisa, quando esclarece que a alfabetização é um processo no qual a criança constrói gradualmente o conhecimento sobre a escrita, passando por diferentes fases de compreensão até alcançar a plena alfabetização.

Em outras palavras, a alfabetização não ocorre de forma imediata ou mecânica, mas envolve um desenvolvimento progressivo em que a criança experimenta, erra, reflete e ajusta suas hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, dessa forma, estimular e propiciar às crianças o acesso com materiais escritos e diversas formas de linguagem é algo desejável para a EI. Posteriormente, partiu-se então para a investigação dos conceitos e estudos trazidos por Jean Piaget (1977), Vygotsky (2007), além de considerar e estudar o que é posto pela BNCC e o currículo da EI, visando alcançar e esclarecer todos os objetivos do trabalho.

Num segundo momento, o trabalho se encaminha para a pesquisa realizada através da ferramenta *Google Forms* que contou com a participação de 4 professoras do sexo feminino, que lecionam, respectivamente, 2 na Rede Municipal do Ensino de Alagoa Nova e 2 na Rede Privada das cidades de Campina Grande e Santa Cecília. Todas estas docentes atuam em turmas de pré-escola (crianças de 4 a 5 anos). Trata-se de um questionário com 9 perguntas que buscam responder de forma eficaz todas as dúvidas presentes na discussão da temática, trazendo questões que abrangem desde a alfabetização e letramento no contexto da pré-escola à práticas pedagógicas utilizadas nessa etapa, refletindo também sobre a formação continuada e suporte

por meio da gestão escolar. As entrevistadas foram asseguradas do sigilo de suas respostas e a aplicação do questionário foi feita de maneira online para que todas pudessem participar. Até a coleta de todas as respostas, somou-se um intervalo de 18 dias, durante o período de 15 de setembro de 2024 a 02 de outubro de 2024. As professoras entrevistadas trabalham nas cidades citadas acima, mas residem em municípios distintos sendo estes: Lagoade Roça, Lagoa Seca, Campina Grande e Santa Cecília.

Contudo, de acordo com o referencial teórico utilizado para esse estudo, a organização do trabalho de leitura e escrita pode ser iniciada já na educação infantil, considerando a experiência prévia das crianças com o mundo da escrita em seus espaços familiares, sociais e escolares.

3.1 Resultados e discussões

Esta seção exibe a análise dos resultados obtidos a partir da aplicação do questionário. A fim de coletar todas as informações necessárias para suprir e alcançar os objetivos deste trabalho, foram entrevistadas 4 professoras que atuam na pré-escola, duas delas estão inseridas na rede pública de Ensino e duas na rede privada. Esta pesquisa não tem como finalidade comparar e/ou eleger qual melhor sistema de ensino, mas sim, analisar e descrever as práticas pedagógicas existentes na pré-escola.

O quadro 1 construído pela pesquisadora irá mostrar a formação acadêmica de cada professora entrevistada, tempo de serviço e cidade em que atuam, a fim de observar a formação e perfil do professor que atua na escola contemporânea, levando em conta qual seu tempo de serviço, o que poderá influenciar ou não no que diz respeito às suas metodologias de ensino, além de analisar opiniões sobre a alfabetização e letramento no contexto da EI e os seus maiores desafios encontrados nesse contexto.

Quadro I

NOME	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE SERVIÇO	REDE DE ENSINO	CIDADE
Professor 1	Pedagoga	4 anos	Privada	Campina Grande
Professor 2	Pedagoga	2 anos	Pública	Alagoa Nova
Professor 3	Pedagoga/ Pós em Educação Infantil	10 anos	Privada	Santa Cecília
Professor 4	Pedagoga/ Mestrem Educação Especialista em Ead Coord. Pedagógica	7 anos	Pública	Alagoa Nova

Fonte: Autoria Própria, 2024

Para falar sobre alfabetização e letramento no contexto na Educação Infantil precisamos primeiro, entender o conceito desses dois termos, buscando analisar e verificar a compreensão dos professores atuais a respeito da temática, na pergunta número 2, as professoras entrevistadas definiram o conceito de alfabetização e letramento, a Professora 1 afirma que: “Alfabetização é aprender a ler e escrever. É o domínio do código linguístico escrito. Letramento é utilizar a leitura e a escrita em diferentes situações. É o uso social da escrita. Resumindo a alfabetização é a base, o letramento é a aplicação”.

As professoras 2 e 3 trouxeram conceitos e respostas semelhantes quando pontuam de forma sucinta: Professora 2: “Alfabetização é o ação de ler e escrever, já o letramento é utilizada em práticas sócias de leitura e escrita”, Professora 3: “Alfabetização é o ato de ensinar o sistema de escrita enquanto o letramento ensina a dominar a escrita utilizando-a no dia a dia.”. Já a Professora 4 traz um adendo importante que não foi citado pelas outras docentes no que diz respeito a contextualização dos dois conceitos, quando pontua: “Alfabetização refere-se ao processo de aprender o sistema de escrita, a aquisição das habilidades de ler e escrever. Letramento, por sua vez, é o uso social da leitura e da escrita, a capacidade de utilizar essas habilidades de forma significativa em diferentes contextos sociais. Alfabetização e letramento são processos indissociáveis”. Seguindo o conceito pontuado pela professora 4, nesse mesmo viés, Soares afirma:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (Soares, 2003, p.15).

Buscando ainda analisar ainda o que os docentes entendem sobre alfabetização e letramento, a pergunta de número 3 questiona: Para você o que seria alfabetizar-letrando? Quando questionadas a concepção desta prática, as Professoras 2 e 3 demonstraram ter um conhecimento muito superficial sobre, mas trouxeram opiniões semelhantes, quando destacam apenas ao que diz respeito ao uso social da língua. (Professora 2) “É uma metodologia de ensino que visa a leitura e escrita a partir do contato com práticas sócias.” (Professora 3) “Oportunizar o aluno através de estratégias lúdicas ou aprender real, ou seja, compreender o uso social da escrita e da leitura em sua vida.”

Já as Professoras 1 e 4 trouxeram respostas mais contextualizadas que explicitam melhor o que seria alfabetizar-letrando e no que isso reflete nas práticas com as crianças, nesse sentido, elas pontuam, respectivamente:

Professora 1: Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever de um jeito que você não só saiba as regras, mas que você use tudo isso no dia a dia. É te mostrar que ler não é só decodificar letras, mas é entender o que você está lendo e ter opinião sobre aquilo. E escrever não é só copiar do quadro, mas é criar seus próprios textos e se comunicar com outras pessoas.’’

Professora 2: Alfabetizar-letrando seria integrar os processos de alfabetização e letramento de forma simultânea e interdependente. Significa alfabetizar (no sentido de decodificar) ao mesmo tempo em que se promove o uso em práticas sociais reais e significativas. Ou seja, a criança aprende a decodificar palavras, frases e textos, enquanto também compreende e usa a leitura e a escrita em contextos reais e significativos.

Reiterando e verificando a contextualização trazidas por estas professoras sobre a prática de alfabetizar-letrando, Soares destaca:

É imprescindível alfabetizar letrando, pois ambos se complementam: Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vamos enfrentando nesta etapa da escolarização (Soares, 2004, p. 12).

Buscando identificar e examinar as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento existentes na pré-escola, foram elaboradas as perguntas 4 e 5 do questionário. Na pergunta 4, as professoras foram questionadas com a seguinte pergunta: Você acha que, na última etapa da educação infantil, é possível abranger práticas de alfabetização e letramento sem ferir os direitos e interesses das crianças que estão inseridas nessa fase? Comente sobre.

Todas responderam por unanimidade que sim, é possível e positivo, apontando como isso pode ser feito:

Professora 1: Sim, é possível e positivo introduzir atividades de alfabetização e letramento na Educação Infantil. Ao invés de fazer nos métodos mais complexos, podemos transformar o aprendizado em algo divertido. Como as crianças aprendem brincando, com jogos, histórias e músicas, familiarizando as elas com as letras e os sons, facilitando o aprendizado futuro e despertando o interesse pela leitura e escrita desde cedo.

Professora 2: Sim, pois nessa etapa a criança já tem entendimento e contato com a escrita e a leitura! Exemplo, a maioria das crianças que sai da última fase da educação infantil, essas crianças saem sílabando.

Professora 3: Sim. Existem muitas estratégias que conciliam o direito de brincar por exemplo com a alfabetização e o letramento quando em uma simples brincadeira da dança da cadeira você consegue apresentar ali letras e ou, sílabas do alfabeto. E são inúmeros os exemplos.

Professora 4: Sim, oferecendo um contexto alfabetizador, ou seja, um ambiente rico em estímulos e oportunidades que promovem a interação com a leitura e a escrita de forma significativa e cotidiana. Facilitando, assim, o processo de alfabetização e letramento, ao expor as crianças às práticas reais de leitura e escrita, permitindo que elas desenvolvam essas habilidades de forma integrada e contextualizada.

A partir das respostas coletadas na pergunta 4, já podemos notar o pensamento das professoras no que se refere à alfabetização e letramento na EI, elas demonstram ter clareza e

firmeza na construção das metodologias que organizam suas práticas pedagógicas, a partir do que foi pontuado, percebemos a presença de conhecimentos sobre tópicos relativos ao trabalho pedagógico com a linguagem escrita, leitura e a oralidade na Educação Infantil. Nesse sentido, a ocupação, o cuidado com o ambiente alfabetizador constituiu-se na condição de:

[...] dar oportunidade de acesso a materiais de leituras às crianças dos diferentes meios, particularmente os populares, possibilitando-lhes o convívio com a cultura escrita. [...] com os materiais impressos[...] práticas sociais de leituras e de escritas, dentre outras.[...] (Madeira, 2009, p.33).

Visando ainda alcançar um dos objetivos propostos na pesquisa, a pergunta 5 do questionário se direciona à quais práticas de leitura, escrita e oralidade são desenvolvidas na turma em que as docentes lecionam e na sua instituição de ensino? Além de indagar de que forma as crianças recebem tais práticas. As 4 professoras deram exemplos de como isso é feito em sala de aula.

Professora 1: Eu gosto de realizar rodas de leitura e criar histórias com as crianças, utilizando uma variedade de gêneros literários. Também aplico ditados, jogos de leitura, teatros e canções como parte das atividades. As crianças costumam ser muito participativas e demonstram um interesse maior em aprender dessa forma. Professora 2: Contação de histórias, explorando a família silábica que está sendo estudada dentro da história, utilizando o alfabeto móvel e etc.

As professoras 3 e 4, ainda destacam projetos existentes nos municípios em que atuam:

Professora 3: Existe um Projeto Anual no nosso Município (Santa Cecília) chamado: Pequenos Leitores no qual toda rede de ensino adere em cada escola, turma têm autonomia na execução.

Professora 4: As práticas de rodas de leitura, contação de histórias, escrita espontânea, confecção de cartazes, alfabeto móvel, listas, entre outras, atividades que incentivem o contato com a linguagem escrita de maneira natural e lúdica. Sem contar que, no município em que trabalho (Alagoa Nova), além das fortes práticas na escola, também há a chamada “semana da leitura”, evento que acontece anualmente e mobiliza todo o sistema de ensino.

A partir das práticas descritas pelas professoras podemos perceber a diversidade de metodologias e práticas utilizadas em sala de aula para proporcionar às crianças um ambiente alfabetizador que possibilite o contato com a leitura e escrita de forma lúdica, verificando a consonância entre as estratégias utilizadas no cotidiano e o que é proposto pela BNCC, pois é um direito das crianças:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BNCC, 2018, p. 36).

Como segundo ponto da Pesquisa, foi elaborado pela pesquisadora as questões 6, 8 e 9 para analisar a Escola contemporânea e a criança de hoje. Neste tópico, podemos perceber uma forte determinante no que diz respeito ao perfil da criança atual, as professoras destacam desafios enfrentados pelos professores dessa fase, que é a grande presença da tecnologia e o acesso às mídias digitais desde muito cedo. Sobre essa indagação, a professora 1 respondeu:

As escolas estão se adaptando a um mundo em constante transformação. O foco deixou de ser apenas no conteúdo e agora inclui o desenvolvimento de habilidades como criatividade, colaboração e pensamento crítico. As crianças de hoje, nativas digitais, são mais difíceis de engajar, pois estão acostumadas à rápida gratificação proporcionada por celulares e a internet, o que as torna mais ansiosas por respostas imediatas. Além disso, novos desafios relacionados à saúde mental e às diferentes formas de aprendizagem estão surgindo. As instituições de ensino se empenham diariamente em melhorar e acolher todos os tipos de crianças, que, por sua vez, se tornam cada vez mais complexas e exigentes em suas necessidades e expectativas.

Todas as professoras apontam para a dificuldade de foco e concentração das crianças de hoje, elas destacam o tamanho desafio que é conseguir metodologias que instiguem o interesse da criança atual em sala de aula. Utilizam-se de termos como “crianças muito agitadas” “aceleradas”, para descrever como chegam essas crianças na escola contemporânea. A respeito da escola contemporânea, percebe-se que há uma melhoria por parte das estruturas da escola, mas ainda há muito o que melhorar. Como pontua a Professora 3 “Estamos atualmente com uma estrutura física boa, mas infelizmente existem um grande número de crianças muito aceleradas, desfocadas e sem apoio familiar adequado.” mas que ainda há muito a ser feito, embora, podemos notar que o grande desafio conseguir lidar com as características da criança de hoje. Como pontua a Professora 2:

Sobre a estrutura das escolas atuais, hoje já foi feito muito, mas precisa ser feito mais coisas, pois estamos com uma demanda muito grande de crianças precisando de profissionais capacitados, sem falar na superlotação de crianças dentro de uma sala de aula! Dessa forma quanto mais recursos melhor. As crianças de hoje, são crianças agitadas, com pouca paciência, desligada daquilo que está acontecendo dentro da sala de aula!.

Finalizando tudo o que foi pontuado nesta questão e afirmando ainda mais o que já havia sido dito pelas outras professoras, a Professora 4 traz em sua resposta uma visão muito ampla e descritiva de como é a estrutura atual e a criança de hoje que reforça ainda mais nossa compreensão, quando descreve:

Na escola contamos com formações e apoio, salas melhores estruturadas, pessoal qualificado. No que diz respeito às crianças de hoje, em sua maioria, são nativas digitais e, desde muito cedo, têm acesso a mídias sociais, isso cria um perfil de aluno que, por um lado, chegam à escola com uma bagagem cultural diversificada e, por outro, apresenta características como menor paciência para processos mais lentos,

dificuldade de concentração em atividades que exigem maior tempo de reflexão. Elas tendem a ser curiosas, questionadoras e ativas, exigindo práticas pedagógicas que estimulem a participação, a interação e a criatividade.

Ademais, levando em conta o cenário atual, é de suma importância destacar o papel da escola para dar o suporte necessário para que os docentes possam conseguir alcançar seus objetivos e metas com os alunos, neste sentido, a pergunta 8 salienta: Há um suporte por parte da Secretária de Educação e/ou Gestão pedagógica no que diz respeito a formação continuada e elaboração de novas estratégias de ensino? Sem muitas delongas, todas as professoras responderam apenas que “Sim”, exceto a Professora 4, que também afirma a existência do suporte, mas exemplifica de forma sucinta: “Sim. Formações pedagógicas, encontros de planejamento, palestras e cursos.”

Um dos objetivos propostos pela pesquisadora foi mostrar quais desafios e dificuldades presentes nesta etapa de ensino, podemos notar que as professoras acabaram já respondendo algumas coisas na questão 6, mas é a questão 7 que pretende abordar especificamente o assunto, quando pergunta: Quais os maiores desafios e dificuldades você identifica nesta última etapa de ensino infantil? Novamente as professoras apontam que um dos maiores desafios é manter a sala de aula motivada e interessada em aprender, levando em conta a integração da tecnologia e o acesso a dispositivos eletrônicos, mas, também trazem algumas questões como o suporte familiar, relação família e escola e o imediatismo das crianças. Neste sentido, elas apontam:

Professora 1: Eu acredito que a transição para o Ensino Fundamental exige que as crianças se adaptem a novas rotinas e ambientes escolares, o que pode ser um processo delicado. Além disso, há a necessidade de atender à diversidade de aprendizados, levando em consideração as particularidades de cada criança. A integração das tecnologias na educação também é um desafio. A relação entre escola e família também precisa melhorar, construindo uma parceria sólida que favoreça o desenvolvimento das crianças. A inclusão de crianças com deficiência também é uma questão central, demandando que a escola esteja preparada para acolher e atender a todas as necessidades especiais. Além disso, o desenvolvimento socioemocional das crianças precisa ser promovido, incentivando a construção de relações saudáveis e a autonomia desde cedo.

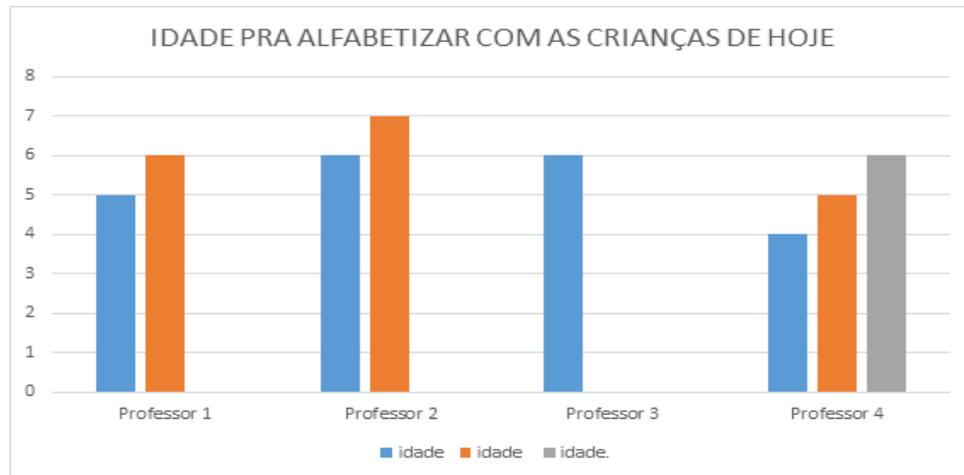
Professora 2: O maior desafio dessa última etapa é sempre fazer com que essas crianças tome gosto pela aula que está sendo aplicada, temos que está sempre inovando nosso método de ensinar para poder prender a atenção dessas crianças .

Professora 3: Suporte familiar e a interferência do mundo digital no qual tira das crianças o desejo de vivenciar com plenitude essa etapa da vida.

Professora 4: Para mim, um dos maiores desafios é manter a minha sala interessada e motivada a aprender. Na minha opinião, a motivação e o interesse das crianças são influenciados pelo contexto em que estão inseridas, especialmente pela exposição intensa às mídias digitais. Atualmente, muitas delas têm acesso excessivo a dispositivos eletrônicos, o que promove um comportamento voltado para a imediatidade. Esse cenário apresenta desafios significativos, uma vez que o ritmo acelerado das interações digitais nem sempre encontra correspondência nas dinâmicas pedagógicas.

Para finalizar a entrevista, a questão 9 traz: Como último ponto, para você, qual idade correta para alfabetizar considerando a criança de hoje?

Figura 1- Gráfico da pergunta 4: Idade correta para alfabetizar



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Nessa questão, os professores 1 e 2, apontam apenas a idade como foi demonstrado no gráfico (Professor 1): “Entre 5 e 6 anos”, (Professor 2): “Crianças de 6 a 7 anos de idade.”

Já as professoras 3 e 4, apontam para a idade que concordam para alfabetizar e justificam: (Professora 3): “A partir dos 6 anos, considerando que a criança venha sendo preparada logo na Educação Infantil.” (Professora 4): “O processo começa de forma mais natural e gradativa desde a Educação Infantil, por volta dos 4 a 6 anos, por meio de atividades lúdicas, contato com a leitura e escrita, e exploração de símbolos e significados.”

Dito isso, podemos observar que a idade correta para a alfabetização é um tema amplamente discutido, no qual cada professor vai considerar uma faixa etária ‘ideal’, pois esse processo envolve não apenas o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também fatores emocionais, sociais e individuais. No entanto, é importante sempre lembrar que o processo de alfabetização deve ser introduzido gradualmente a partir dos anos iniciais da educação infantil, de forma lúdica e estimulante, para que a criança vá se familiarizando com a linguagem escrita.

4 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se investigar as práticas de alfabetização e letramento no contexto da Educação Infantil, com o objetivo geral de identificar e verificar se é possível inserir crianças de 4 e 5 anos a situações de leitura, escrita e oralidade respeitando-se os princípios éticos, políticos e estéticos promulgados pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (DNEI), além dos objetivos específicos de analisar como é a escola contemporânea, como as crianças chegam à escola? Qual a idade correta para alfabetizar as crianças de hoje? Visando compreender quais as maiores dificuldades e desafios presentes no cotidiano das crianças e professores nesta última etapa de ensino infantil (pré-escola).

Através da análise de procedimento metodológico de pesquisa de campo, de origem qualitativa, com base nas contribuições de Ferreiro e Teberosky (1984), verificou-se que é possível propiciar às crianças que estão na pré-escola o acesso à língua escrita de maneira que esteja em consonância com os interesses infantis, sem ferir seus direitos a brincar, conviver e explorar, em resumo: garantindo e assegurando às crianças contato com o lúdico. Além de ter como um dos resultados da pesquisa a observação às diversas práticas de leitura e escrita utilizadas no dia a dia por professores que atuam na pré-escola, foi muito comum a elaboração de dinâmicas como: Rodas de leituras com uma variedade de gêneros textuais, peças teatrais, contações de histórias, escritas espontâneas e dentre outras práticas que inserem a criança nesse contexto letrado, ao mesmo tempo que proporciona todo um contexto para o seu desenvolvimento integral, construindo um repertório de boas práticas de oralidade, leitura e escrita, articuladas aos conhecimentos sobre as representações das crianças nesse campo e seus processos de apropriação da escrita.

De maneira que contemple o que está disposto nos documentos normativos como: BNCC e currículo para a EI. Esses achados demonstram a importância de refletir sobre concepções de Educação Infantil, crianças e infâncias e suas implicações para uma prática pedagógica inclusiva, que respeite os direitos das crianças e as especificidades da etapa; trazendo um olhar sensível para a formação do docente que atua nessa etapa e as dificuldades e desafios que eles enfrentam neste percurso.

Diante de tal modo, percebe-se a relevância desta pesquisa qualitativa como um novo olhar para diferentes perspectivas no que diz respeito à alfabetização e letramento no contexto da EI. Afirmando que não se trata de trazer para o professor da EI o papel de alfabetizador, mas sim, propiciar às crianças o acesso a essa cultura letrada. O foco deve estar na criação de um ambiente alfabetizador que incentive o interesse pelas letras e palavras, respeitando o ritmo

individual de cada criança- como pontuado pelas professoras da entrevista-.Considerando os aspectos mencionados, para compreender o questionamento feito no início do trabalho: *devemos ou não alfabetizar na EI?* Em primeiro lugar é necessário ressignificar o conceito estabelecido por alfabetização e compreender que, a mesma não é um processo que se dá de forma momentânea, mas deve ser vista como um processo contínuo, que começa antes da escola e é essencialmente influenciado pelas interações sociais.

Nesse sentido, não trata-se de uma alfabetização no sentido de ensinar – indispensável e obrigatoriamente- essa criança a ler e escrever, mas sim considerar as diferentes práticas e abordagens pedagógicas que irão influenciar todo o processo de alfabetização e letramento, justificando assim, a presença dessas interações com seus pares e o ambiente alfabetizador como ferramentas fundamentais para a construção e desenvolvimento integral do aluno, incluindo desejavelmente essas metodologias na EI.

A partir dessas perspectivas, diante das análises do material coletado, entende-se que não é possível estipular uma idade padrão para alcançar a alfabetização formal de todas as crianças. Como vimos no resultado da pesquisa, cada professor pontua uma faixa etária ‘ideal’ diferente. Embora a BNCC defina uma fase para a alfabetização, os professores que estão na linha de frente, no cotidiano das escolas percebem que nem tudo acontece como proposto no documento. No momento em que decretamos uma idade ideal, as crianças que por inúmeras razões não desenvolveram a leitura e escrita na idade esperada se sentem excluídas e desmotivadas, conseqüentemente, o processo de alfabetização para estas se torna ainda mais desafiador e menos prazeroso, atrativo.

Aos poucos essa situação se potencializa e a criança acaba avançando na idade sem se apropriar da língua escrita, acarretando uma infelicidade e sentimento de impotência na mesma. É importante ter em mente que cada criança tem seu próprio tempo para aprender, e o ideal é que a alfabetização seja um processo contínuo, que comece de forma leve na educação infantil e se formalize de maneira gradual no ensino fundamental, respeitando a individualidade de cada aluno. O processo de alfabetização, como vimos, é individual e envolve diversos fatores, dentre eles: físicos, culturais e sociais que precisam ser considerados, além dos inúmeros desafios existentes na sociedade atual que também irão influenciar.

Contudo, o material coletado na pesquisa trouxe um novo olhar para as dificuldades e desafios presentes nesse cenário, e foi possível observar a presença de uma variante que age de forma significativa no contexto de crianças na pré-escola, que é a forte inserção dessas crianças nas tecnologias digitais e dispositivos eletrônicos. Sabemos que o letramento digital pode ser usado como um facilitador do desenvolvimento pleno dessa criança, pensando em uma

estratégia que pode vir a ser utilizada, onde o professor tem a possibilidade de propiciar metodologias que integrem essas tecnologias na educação de forma positiva buscando agregar na construção do conhecimento da criança, (realidade que no contexto atual significa para os docentes um forte desafio.) As professoras apontam que a maior dificuldade está justamente em manter essa criança motivada a aprender, a conseguir conquistar o interesse delas.

A criança na atualidade, como pontuado pelas professoras, são crianças ‘agitadas’ e com pouca concentração. Chegam na escola com interesses totalmente contrários ao que de fato deve ser trabalhado, (como assuntos escolares ou de socialização entre seus pares). Relacionado a escola contemporânea, embora já tenha apresentado muitos avanços também apresentam lacunas na relação família-escola, inclusão de crianças com deficiência, que necessita uma estrutura especializada que possa atender as necessidades desses alunos. Considerando esses desafios e dificuldades, nota-se a importância da formação continuada do docente na EI, a fim de que sejam continuamente preparados para ultrapassar essas dificuldades. As professoras apontam que há a presença de formação continuadas e suporte por meio de Gestão e/ou coordenação, inclusive um projeto chamado Compromisso Nacional Criança Alfabetizada LEEI, que trata, dentre outras coisas, práticas de leitura, escrita e oralidade com crianças de 4/5 anos no município de Alagoa Nova.

Assim, conclui-se que as práticas de alfabetização e letramento no contexto da educação infantil devem ser pensadas como um processo natural e integrado ao desenvolvimento global da criança. Em vez de focar em métodos formais de ensino, é importante valorizar atividades lúdicas, interativas e que possibilitem a compreensão das crianças à função social da linguagem e, conseqüentemente, despertem o interesse delas pela leitura e escrita, respeitando o seu ritmo individual. Ambientes alfabetizadores, jogos, músicas, contação de histórias e interações com materiais variados são formas eficazes de introduzir as crianças ao mundo letrado de maneira leve e significativa. Dessa forma, o processo de alfabetização ocorre de forma prazerosa e gradativa, envolvendo as crianças à diversas práticas de leitura, escrita e oralidade, preparando-as para os futuros desafios da escolarização formal, sem perder de vista a singularidade da EI, a importância do brincar e o desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhe cemos até agora. In: COSTA, M. (Org.). A escola tem futuro? Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.81-102.

ANJOS, Gabriela Vieira; PERES, Lorena Martins, BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Processos de Formação Autora e Leitora na Educação Infantil. Uberaba, 2018.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BONETTI, Nilva. O professor de educação infantil um profissional da educação básica: e sua especificidade. 29ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu/MG: ANPED, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 19 junho. 2024

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 21 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara De Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de Dezembro de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb_005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil. Cadernos LEEI (Caderno de apresentação, Vol1, 2, 3, 4, 5,6, 7 e 8). Brasília: MEC/ SEB, 2016.

CHAVES, Marta. Práticas pedagógicas na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural. Fractal: Revista de psicologia, 2015.

FERREIRO, Emilia. Com todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. Psicologia e trabalho pedagógico. 3. ed. São Paulo: Atual, 1997.

GOODMAN, Yetta M. Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas/Yetta M. Goodman trad, Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

LALUEZA, J. L., CRESPO, I., & CAMPS, S. (2010). As tecnologias da informação e da comunicação e os processos de desenvolvimento e socialização. Em: C. Coll & C. Monereo (Orgs.), *Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação* (N. Freitas, Trad., pp. 47-65).. Porto Alegre: Artmed.

LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Letramento digital: veja o que é e como funciona. Educa Mundo. Disponível em: <<https://educamundo.com.br/blog/letramento-digital-2>> Acesso em 08 set. 2024.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. *O processo de desenvolvimento humano: explicando porque somos tão iguais e tão diferentes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Nativos Digitais: o que são, características e desafios- Apetrecho Digital. <Disponível em: <https://apetrecho.digital/nativos-digitais-analfabetismo-digital/> > Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Zilma de Moares Ramos. *O Currículo na Educação Infantil: O que propõem as novas diretrizes educacionais?* 2010.

PIAGET, J. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

POLETTO, Lizandro. *Desafios e Possibilidades da Alfabetização na Educação Infantil*. Goiânia, 2018.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista brasileira de educação, 2004.

Sociointeracionista: significado e fundamentos. *Psicanálise Clínica*. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/sociointeracionista>> Acesso em: 16 jun. 2024

VYGOTSKY, L. *a formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APENDICE A- QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

- 2.2.1 Formação acadêmica e Tempo de Serviço:
- 2.2.2 Defina o conceito de alfabetização e letramento.
- 2.2.3 Para você o que seria alfabetizar-letrando?
- 2.2.4 Você acha que, na última etapa da educação infantil, é possível abranger práticas de alfabetização e letramento sem ferir os direitos e interesses das crianças que estão inseridas nessa fase? Comente sobre.
- 2.2.5 Quais práticas de leitura, escrita e oralidade são desenvolvidas na sua turma em sua instituição de ensino? De que forma as crianças recebem tais práticas?
- 2.2.6 Considerando todo o contexto escolar que você está inserido, comente sobre a estrutura da escola atual e como são as crianças de hoje?
- 2.2.7 Quais os maiores desafios e dificuldades você identifica nessa última etapa de ensino infantil?
- 2.2.8 Há um suporte por parte da Secretária de Educação e/ou Gestão pedagógica que diz respeito a formação continuada e elaboração de novas estratégias de ensino?
- 2.2.9 Como último ponto, para você, qual idade correta para alfabetizar considerando a criança de hoje?